

Rio, capital do mundo:

dois séculos de história

Rio, capital of the world: Two centuries of history

Lucas Padilha

Bacharel em direito pela FGV Direito SP e Mestre em Direito pela Universidade de Pequim. Atualmente é Presidente do Comitê Rio G20 da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro.
Email: lucaswosgraupadilha@gmail.com

Elizeu Santiago

Bacharel em Relações Internacionais e em Economia, mestre em Relações Internacionais e doutor em Ciência Política. Atualmente é diretor de ensino e pesquisa do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro e professor do CEFET/RJ.
Email: elizeusantiago2@gmail.com

RESUMO: O artigo analisa o desenvolvimento da cidade do Rio de Janeiro, da fundação à contemporaneidade, destacando a sua natural vocação internacionalista, assim como a sua histórica capitalidade. Capital de um país diverso e plural, o Rio abrigou as principais feiras e exposições nos séculos XIX e XX, a final de duas Copas do Mundo, a realização dos Jogos Panamericanos e das Olimpíadas de Verão, além de importantes cúpulas internacionais, tais como a Rio-92 e a Conferência da ONU sobre Desenvolvimento Sustentável de 2012. Não por acaso, foi escolhido para sediar o G20 em 2024, o mais importante fórum da governança global contemporânea.

PALAVRAS-CHAVE: Capitalidade, Eventos Internacionais, G20.

ABSTRACT: The article analyzes the development of the city of Rio de Janeiro, from its foundation to contemporary times, highlighting its natural internationalist vocation, as well as its historical capitality. Capital of a diverse and plural country, Rio hosted the main fairs and exhibitions in the 19th and 20th centuries, the final of two World Cups, the Pan American Games and the Summer Olympics, as well as important international summits, such as the Rio-92 and the 2012 UN Conference on Sustainable Development. Not by chance, it was chosen to host the G20 in 2024, the most important forum for contemporary global governance.

KEYWORDS: Capitality, International Events, G20.

Introdução

As cidades, assim como as pessoas, têm vocações. Há dois séculos, o Rio é a cara e a alma do Brasil. A cidade foi não apenas a porta de entrada e o principal cartão de visitas do país, mas, sobretudo, o centro de grandes deliberações políticas nacionais e internacionais. Capital de um país diverso e plural, o Rio abrigou as principais feiras e exposições nos séculos XIX e XX, a final de duas Copas do Mundo, a realização dos Jogos Panamericanos e das Olimpíadas de Verão, além de importantes cúpulas internacionais, tais como a Rio-92 e a Conferência da ONU sobre Desenvolvimento Sustentável de 2012. Não por acaso, foi escolhido para sediar o G20 em 2024, o mais importante fórum da governança global contemporânea.

Essa vocação, no entanto, é anterior aos grandes eventos internacionais das últimas décadas ou mesmo à histórica capitalidade política construída desde os tempos da monarquia. Única cidade no ultramar a sediar um império europeu, o Rio foi, a um só tempo, o berço de dois reis cariocas: Pedro II, do Brasil, e Dona Maria II, de Portugal. Capital de um reino, de um império e da república, para cá fluíram gerações de brasileiros e estrangeiros de todas as partes. Antes da capitalidade, centralidade. Fundada à beira-mar, na esquina do Atlântico com o mundo, a cidade nasceu e desenvolveu-se como um dos mais importantes centros globais. Ao longo das próximas páginas, analisaremos o desenvolvimento da cidade do Rio destacando a sua natural vocação internacionalista, assim como a sua histórica capitalidade. Para fins didáticos, dividiremos o nosso argumento em três partes. Na primeira, nos concentraremos no período compreendido entre a fundação (1565) e a chegada da corte portuguesa (1808); seguida pela análise do Rio imperial (1808-1889) e pela era republicana (1889-2023), esta última mediante a seleção dos vinte mais significativos eventos internacionais realizados em terras cariocas.

Centralidade antes da capitalidade: o Rio no Atlântico Sul

Símbolo do Rio e do Brasil, a Baía de Guanabara (do tupi, “seio do mar”) foi por séculos a casa de diversas populações tupis-guaranis. Disputada por portugueses e franceses, tamoios e temiminós, a sua localização estratégica e fartura de víveres fizeram do seu porto um dos mais importantes centros comerciais do Atlântico Sul. Em 1565, entre o Pão de Açúcar e o Morro Cara de Cão, Estácio de Sá funda a cidade cujo nome homenageava o jovem rei Dom Sebastião. Em 1567, o fundador expulsa os franceses e consolida o domínio português sobre a Baía de Guanabara. A cidade do Rio logo adquiriria centralidade internacional.

No Nordeste, as invasões holandesas da primeira metade do século XVII reforçariam a importância estratégica do território guanabarino. Os engenhos do seu recôncavo supriram parcelas consideráveis do açúcar pernambucano, fonte de vital receita aos cofres reais. Em 1648, a cidade seria a ponta de lança na reconquista de Angola, então em posse holandesa. Aqui, partiria Salvador Correia de Sá e Benevides, governador da capitania do Rio de Janeiro, em missão exitosa de reconquista. De volta ao Rio, Benevides obteve, em 1660, o título de governador da Repartição Sul, jurisdição que abrangia todos os territórios localizados ao sul do Espírito Santo. Na bagagem, trazia duas importantes instruções régias: a busca por metais preciosos e a construção de galeões (FERREZ, 1965; DELGADO DE CARVALHO, 1990).

A bem da verdade, não tardaria muito para que a população pegasse em armas e depusesse o então governador por conta de uma série de arbitrariedades administrativas. Mas houve tempo para a criação de estaleiro na localidade conhecida como a Ponta do Galeão, toponímia que ainda hoje conserva o mesmo nome, na Ilha do Governador. De lá, nasceria para os mares o lendário Padre Eterno, o maior galeão construído no

mundo até então (FERREZ, 1965).

Da capital do sul, partiriam ainda as esquadras que fundariam a Colônia de Sacramento, no ano de 1680. Liderada pelo governador da capitania do Rio, Dom Manuel Lobo, a missão ampliava as fronteiras portuguesas até o atual território uruguaio. Construída estrategicamente em frente à cidade de Buenos Aires, Sacramento se localizava no coração do estuário do Prata, centro nevrálgico do comércio regional.

A crescente importância da cidade era notada por seus próprios contemporâneos. Em 1610, o padre Jácome Monteiro já considerava o Rio “uma cidade rica”, detentora de quatorze engenhos e importante polo de comércio com o Peru e Angola (LEITE, 1949, p. 391-425). Em testemunho análogo de 1616, Ambrósio Fernandes Brandão, oficial da Fazenda de Pernambuco, reputava a cidade

“bem situada, a qual é de presente de grande comércio, por vêm a ela muitas embarcações do Rio da Prata, que trazem muitas em patacas, que comutam por fazenda, que ali compram, donde tornam a fazer viagem para o mesmo rio. Também neste Rio de Janeiro tomam porto as naus que navegam do Reino para Angola, aonde carregam de farinha da terra, de que abunda toda esta Capitania em grande quantidade, e dali a levam para Angola, aonde se vende por subido preço” (BRANDÃO, [1616] 1966, p. 36).

A propósito, como bem nota Luiz Felipe de Alencastro (2000, p. 110), do comércio com o Prata “restou algo muito conhecido na topografia carioca: desde 1637 há no Rio de Janeiro o culto a Nossa Senhora de Copacabana, trazido do Baixo Peru pelos peruleiros¹. Em seguida uma capela dedicada à santa foi erigida na praia que tomou o seu nome”.

Para além do comércio com Europa, América e África, o porto do Rio localizava-se dentro de algumas das principais rotas a caminho do Oriente.

Por força do contrabando, foi comum, ao longo do período colonial, a paragem em litoral pátrio de naus carregadas, produto da “forte demanda pelos artigos orientais da população senhorial das cidades e dos engenhos mais opulentos” (NEVES et al, 2010, p. 68). Gilberto Freyre em seu sugestivo “China Tropical”, lembra-nos desta forte demanda:

“[O] chapéu de sol, o palanquim, o leque, a bengala, a colcha de seda, a telha à moda sino-japonesa, o telhado das casas caído para os lados e recurvado nas pontas em cornos de lua, a porcelana da China e a louça da Índia. Plantas, especiarias, animais, quitutes. O coqueiro, a jaqueira, a mangueira, a canela, a fruta-pão, o cuscuz. Móveis da Índia e da China [...]. Foram com efeito os portugueses que primeiro trouxeram do Oriente à Europa o leque, a porcelana de mesa, as colchas da China e da Índia, os aparelhos de chá, e parece que também o chapéu de sol” (FREYRE, 2011, p. 19-28).

Viajantes ao Rio colonial davam conta da proficuidade e do luxo que era o comércio dos produtos orientais. O norte-americano Luther M. Schaeffer se diria maravilhado com a visita ao Mosteiro de São Bento, cuja capela de 1671, estava “gorgeously embellished [...], the walls with porcelain and China squares, relieved by gilt and scarlet lines. There is also in the room a large China figure of our Saviour on the cross” (SCHAEFFER, 1860, p. 14). Já no Rio joanino, Maria Graham (1956, p. 211; 300) notava “elegantes porcelanas da China”, além de “seda, crepes e outros itens”. Lúcia Bastos das Neves lembra-nos ainda de que “Outros exemplos expressivos de peças religiosas com traços orientais podem ser encontrados hoje em dia nas coleções dos Museus de Arte Sacra (Salvador, Bahia) e dos Oratórios (Ouro Preto, Minas Gerais)”. E não deixa dúvidas: “De qualquer forma, muito antes da descoberta do ouro, os elementos da cultura chinesa estavam bem mais difundidos no Brasil do que os europeus. Somente a partir de meados do século XVIII e, sobretudo, depois da vinda da Corte portuguesa para o Rio de Janeiro, ocorreu o processo de “ocidentalização” do Brasil” (NEVES et al, 2010, p. 69).

Seja como for, com a descoberta de ouro pelos desbravadores vicentinos nos anos finais do século XVII, a cidade transforma-se, definitivamente, no principal entreposto comercial da colônia americana. A produção aurífera das Minas Gerais será responsável pelo deslocamento do eixo econômico para o Rio de Janeiro, o seu principal porto de escoamento. A sua riqueza logo atrairia a cobiça de piratas e as investidas militares de duas missões franceses, entre 1710 e 1711. Neste último ano, a esquadra comandada por Duguay-Trouin empreendeu uma bem-sucedida invasão seguida de um lucrativo saque à cidade.

Como bem notou Maria Fernando Bicalho (1998, p.7), “O porto do Rio de Janeiro constituir-se-ia a partir de então - e por todo o século XVIII - no principal receptor de escravos e mercadorias europeias e asiáticas, assim como no maior escoador das riquezas coloniais”. Já em 1712, o Conselho Ultramarino, considerava o Rio “uma das pedras mais preciosas que ornaram a coroa de Vossa Majestade, de cuja conservação e bom governo depende a segurança das Minas, e ainda de todo o Brasil”¹⁶. Nas palavras de Bicalho (1998, p. 7), “Será também, por esse mesmo motivo, o maior alvo do interesse e da cobiça dos demais países europeus”.

O fluxo aurífero não apenas reforçou a importância da praça comercial carioca como permitiu, outrossim, uma extraordinária expansão urbana, cujos monumentos e histórias seguem ainda hoje caros ao espírito carioca. Em 1739, inaugura-se a Igreja de Nossa Senhora da Glória do Outeiro, joia da arquitetura brasileira setecentista e local de batismo de príncipes e princesas bragantinos. Em 1743, termina-se a construção do Palácio dos Governadoresⁱⁱ, transformado, em 1808, em centro do poder decisório do Império luso-brasileiro na forma de Paço Real. Em 1750, o Aqueduto da Carioca, maior construção do Brasil colonial, levaria água ao primeiro chafariz público da cidade, no Largo da Carioca. Em 1783, a América ganhava o seu primeiro parque público. Projetado por Mestre Valentim, artista símbolo da expansão urbana setecentista, o Passeio Público seria o

mais importante ponto de encontro para os cariocas de muitas gerações (AGCRJ, 2015).

A translação do eixo econômico para o Rio seria definitivamente consolidada com outras duas mudanças. Em 1763, a cidade é elevada à capital do Vice-Reino do Brasil; em 1808, a família real portuguesa ludibria Napoleão Bonaparte e escolhe a Guanabara como o novo centro de um império multicontinental. Em 1815, transforma-se na capital do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves. A presença da corte de Dom João VI mudaria definitivamente o panorama político-social da cidade e do futuro país.

Rio, capital imperial

A transferência da família real aos trópicos veio acompanhada da recriação no Rio de Janeiro das instituições de Estado outrora presentes em Portugal: Mesa do Desembargo do Paço, Mesa de Consciência e Ordens, Impressão Régia, Conselho Supremo Militar, Intendência Geral da Polícia, Academia Real Militar, fábrica de pólvora, Museu Real, Biblioteca Real, Teatro Real, Jardim Botânico, Banco do Brasil. Na prática, o Rio transformava-se na capital de um Império multicontinental, cujos territórios estendiam-se por América, Europa, África e Ásia.

Com a chegada de Dom João, a cidade se expandiu para além dos quatro morros fundadores. Os mais abastados abriam passagem na direção de bairros como Catumbi, Rio Cumprido, Botafogo, Laranjeiras e Tijuca, localidades recém-descobertas pelos novos palacetes e chácaras. Sobre os mangues de São Diogo, a caminho do Paço de São Cristóvão, nascia a chamada Cidade Nova por contraposição à Cidade Velha, esta última identificada com os limites do Campo de Santana (SERRA, 2016).

A cidade também crescera demograficamente. Segundo Jean-Baptiste

Debret, o primeiro cronista do Brasil que aqui residiu entre 1816 e 1831, o Rio era, em suas palavras, “metrópole do Brasil, a partir de meados do século XVIII” (DEBRET, 2008, p. 297). Segundo estimativas do período, a cidade contava com cerca de 60 mil habitantes quando da chegada da família real, número que quase dobraria no ano da independênciaⁱⁱⁱⁱ(CALÓGERAS, 2009, p. 59).

De acordo com o recenseamento de 1821, 57.549 cativos viviam na cidade do Rio de Janeiro; 40.376 nas freguesias urbanas e 17.173 nas rurais (SOARES, 1988, p. 108). Trocando em miúdos, cerca de metade da população carioca era composta por escravizados. Maior cidade africana fora da África, o Rio expandiu-se com o sangue e o suor desses trabalhadores, cuja opressão não impediu a construção de uma rica e diversa tradição cultural e religiosa. Do café no Vale do Paraíba ao comércio das grandes cidades, o trabalho escravo foi o principal motor da economia brasileira por quase quatro séculos. Ao longo dos séculos XVI e XIX, estima-se que mais de dois milhões de escravizados tenham desembarcado ao largo do litoral fluminense (ELTIS; RICHARDSON, 2022).

Não por acaso, em 2017, o Cais do Valongo — principal porto negreiro do continente — passou a integrar a lista do Patrimônio Mundial da Unesco por seu excepcional valor como memória da violência contra a humanidade e de resistência, liberdade e herança para as gerações futuras. Foi ainda o reconhecimento da inestimável contribuição dos africanos e seus descendentes à formação e desenvolvimento cultural, econômico e social do Brasil.

A vinda da família real ao Rio de Janeiro ensejou não apenas a abertura comercial dos portos brasileiros como também um crescente intercâmbio científico e cultural com as nações estrangeiras. Em 1816, chega ao Rio a célebre Missão Artística Francesa, chefiada por Joaquim Lebreton e composta por nomes tais como os dos pintores Jean-Baptiste Debret e Nicolas-Antoine Taunay e o arquiteto Grandjean de Montigny. No ano

seguinte, é a vez da Missão Austríaca, com destaque para o botânico Von Martius, o zoólogo Spix e o pintor Thomas Ender. Em 1821, patrocinada pelo czar Alexandre I, desembarca no Brasil expedição científica russa sob a liderança do Barão de Langsdorff.

O Rio joanino fora ainda o responsável pelo primeiro grande evento internacional da nossa história: a aclamação de Dom João VI, ocorrida em 06 de fevereiro de 1818, na esteira da chegada das primeiras missões internacionais e do casamento do futuro Pedro I com a arquiduquesa Leopoldina de Áustria. Na praça do Paço, atual praça XV, Grandjean de Montigny erguera um templo de Minerva, um arco do triunfo e um obelisco de mais de cem palmos de altura, desenhados por Debret e projetados por Taunay. No Campo de Santana, queima de fogos, corrida de touros, instalação de um teatro e 102 pirâmides luminosas agitavam as manifestações populares diante de um palacete de madeira erguida para abrigar a família real. As celebrações, que duraram meses, espalharam-se pelas ruas, cujas casas eram enfeitadas por milhares de lampiões (HERMAN, 2007, p. 144-146).

Em 13 anos na Guanabara, o reinado de Dom João transformara definitivamente a história do Rio e do Brasil. Nas célebres palavras de Oliveira Lima, fora ele “o verdadeiro fundador da nacionalidade brasileira”. Aqui vivera os melhores anos de sua vida, abruptamente interrompidos pela convocação revolucionária das cortes reunidas em Lisboa. A contragosto, cruzaria pela última vez o Atlântico em abril de 1821. Ao partir, deixou no horizonte a cidade que era, não apenas um centro político e comercial, mas o seu recanto predileto no vasto império luso-brasileiro.

De lá para cá, o Rio capitanearia alguns dos mais importantes momentos cívicos que levariam à independência do país: o dia do Fico, a aclamação e coroação de Pedro I, a criação da primeira carta constitucional, as negociações diplomáticas pelo reconhecimento da jovem nação. Não por acaso, em 1823, o Imperador Dom Pedro I outorgaria à cidade do Rio, no

aniversário do Fico, o título honorífico de “Cidade Muito Leal e Heroica” (AGCRJ, 2022).

Coube, no entanto, a seu filho, Pedro II, a tarefa de ampliar as relações internacionais do Rio e do Brasil. Ao longo de quase cinquenta anos de governo — o mais longo de nossa história —, o monarca realizou três viagens internacionais e manteve extensa comunicação com alguns dos principais cientistas e escritores do seu tempo, tais como Nietzsche, Pasteur, Darwin e Victor Hugo. Incentivador das artes e das ciências, Pedro II angariou prestígio internacional ao ponto de tornar-se membro das principais sociedades de pesquisa do mundo: a Académie des Sciences, da França; a Royal Society, da Inglaterra; a American Geographical Society, dos Estados Unidos; a Academia de Ciências da Rússia.

Amante das exposições universais, o imperador esteve presente na Exposição do Centenário da Independência dos Estados Unidos, em 1876 (Filadélfia, Pensilvânia). Ao lado do presidente norte-americano Ulysses Grant, o brasileiro não apenas inauguraria o primeiro evento do gênero daquele país como se tornaria amigo de um então desconhecido: Alexander Graham Bell. Um dos primeiros incentivadores do inventor, Pedro II ajudaria a popularizar o telefone em um momento em que a tecnologia apenas engatinhava. Não tardaria para que, já no ano seguinte, o Brasil se tornasse o segundo país do mundo a possuir linhas telefônicas.

Sob o patrocínio imperial, o Brasil participaria das exposições internacionais de Londres (1862), Paris (1867), Viena (1873), Filadélfia (1876), São Petersburgo (1884) e Paris (1889), assim como da Exposição Continental de Buenos Aires (1882) e dos Congressos Estatísticos de São Petersburgo (1872), Estocolmo (1874), Budapeste (1876) e do Congresso de Geografia de Paris (1875). Ao longo do seu reinado, o Rio sediaria seis exposições nacionais (1861, 1866, 1873, 1875, 1881 e 1888–1889), prelúdio para os grandes eventos internacionais que a cidade receberia no século XX sob o nascente regime republicano.

Rio republicano: vitrine do progresso

Sob o lema do progresso, a república trouxe consigo uma série de reformas urbanísticas que mudariam para sempre a cara da antiga capital imperial. Não por acaso, desde a proclamação da República, o Rio teve uma série de engenheiros como prefeitos: Pereira Passos, Souza Aguiar, Serzedelo Correa, Paulo de Frontin, Carlos Sampaio e Alaor Prata. Investimentos em saneamento e urbanização deram à nova cidade ares de modernidade. Tais reformas, no entanto, resultaram em deslocamento de populações vulneráveis para novas áreas periféricas. Não raro, elas provocavam insatisfações e revoltas populares, tais como a Revolta da Vacina em 1904. Os velhos sobrados e cortiços logo dariam lugar à abertura de avenidas - Rodrigues Alves, Marechal Floriano, Presidente Wilson, Beira-Mar, Atlântica, Vieira Souto e Delfim Moreira - e ao tráfego de bondes e veículos. A propósito, o Rio era, nas palavras de Rui Barbosa, “a pátria adotiva dos bondes”. Dos escriturários aos ministros do Supremo Tribunal Federal, todos usavam. No início da década de 1920, a cidade contava com 448km de trilhos, 24 mil telefones e 106 salas de cinema (CASTRO, 2019).

Moderno mesmo antes do Modernismo, o Rio foi a ponta de lança de novas tecnologias que mudariam para sempre a rotina dos brasileiros: em 1897, o primeiro cinema; em 1922, a primeira transmissão radiofônica no país; a partir dos anos 1950, o Rio projetou o Brasil nas telas da TV. Principal instituição médico-científica da América Latina desde 1900, a Fiocruz ainda hoje é a maior e mais sofisticada produtora de vacina e tecnologia biomédica do continente. Pela instituição passariam nomes como Albert Einstein e Carlos Chagas.

O Rio da aurora republicana era a capital do conhecimento e das grandes instituições nacionais: o Jardim Botânico, o Museu Nacional, o Observatório

Nacional, o Instituto de Manguinhos, a Biblioteca Nacional, a Escola Nacional de Belas Artes, o Instituto Histórico e Geográfico, o Museu Histórico, o Instituto Nacional de Música, o Gabinete Português de Leitura, o Arquivo Público, a Academia Brasileira de Ciências e Academia Brasileira de Letras, a Universidade do Brasil (atual UFRJ).

Em 1890 e 1897, respectivamente, os palácios do Itamaraty e do Catete eram comprados para servir a presidência. Em 1905, inaugurava-se a então Avenida Central, obra-síntese da reforma urbana empreendida pelo prefeito Pereira Passos (1902–1906). A república transformou o Rio na sua principal vitrine. Foi, pois, dentro desse contexto de modernização que o país decidiu, em 1906, sediar o seu primeiro grande evento diplomático. Desde então, a cidade transformou-se na sua principal sala de visitas, vitrine e vitraço do Brasil.

Cidade global: 20 vezes em que o Rio foi o Brasil no mundo

1. 1906: Terceira Conferência Panamericana

O Rio foi a cidade escolhida para sediar a III Conferência Pan-Americana, o mais importante encontro diplomático das Américas e o primeiro realizado na América do Sul. Entre os dias 21 de julho e 27 de agosto, representantes de 19 países se reuniram no Palácio Monroe para debater o futuro do continente americano. Pela primeira vez na história, um secretário de Estado dos EUA participou de um evento oficial no exterior. Inaugurado para ser sede da conferência, o então Palácio São Luiz teve o seu nome substituído em homenagem ao presidente norte-americano James Monroe, entusiasta da solidariedade regional.

O prédio, construído originalmente para representar o Brasil na Exposição Universal de Saint Louis, ganharia o Prêmio Mundial de Arquitetura em 1904. Instalado no final da Avenida Central, hoje Avenida Rio Branco, o palácio de estilo eclético abrigou provisoriamente a Câmara dos

Deputados entre 1914 e 1922. O Monroe tornou-se particularmente célebre por ter sido a sede do Senado Federal entre os anos de 1925 e 1960. Em meio a disputas políticas e campanhas midiáticas, foi demolido em 1976.

2. 1908: Exposição Nacional Comemorativa do 1.º Centenário da Abertura dos Portos do Brasil

Primeira grande mostra do país, a Exposição Nacional Comemorativa do 1.º Centenário da Abertura dos Portos do Brasil foi realizada no bairro da Urca, entre os dias 11 de agosto e 15 de novembro de 1908. O evento contou com mais de 30 edificações, figurando dentre elas pavilhões representativos dos estados brasileiros, além de um cinema, dois teatros, um jardim botânico, uma pista de patinação e o pavilhão de Portugal. A exposição exibiu aos visitantes inúmeras inovações do país nos campos das artes, ciência, comércio, indústria e agricultura. A grande maioria das edificações consistia no que ficou conhecido como arquitetura efêmera, sendo desmontadas após os términos das comemorações. A principal exceção foi o Pavilhão do Estados, atual Museu das Ciências da Terra, localizado na Avenida Pasteur, na Urca.

Durante o evento, inspirado pelo espírito de modernidade, o engenheiro Augusto Ferreira Ramos teve a ideia de construir um dos símbolos do Rio e do Brasil: o bondinho do Pão de Açúcar. Verdadeiro caminho aéreo, a obra teve início em 1910. Empreendimento visionário, apenas Espanha (Monte Ulia, 280 m) e Suíça (Wetterhorn, 560 m) tinham teleféricos à época. Estima-se que quatro toneladas de materiais tenham sido transportadas. No total, 1.325 m de linhas seriam construídas em perigosas escaladas.

3. 1922: Exposição Internacional do Centenário da Independência do Brasil

Primeira grande exposição universal no pós-guerra, a Exposição

Internacional Comemorativa do Centenário da Independência trouxe à então capital federal representantes de 14 países e de todos os estados da federação. Como uma verdadeira vitrine do progresso, os expositores exibiam aos visitantes o que havia de mais avançado nas mais variadas áreas do conhecimento — agricultura, indústria e ciências. Realizada entre 7 de setembro de 1922 e 24 de julho de 1923, a monumental exposição legou à cidade do Rio quatro edifícios históricos: o Pavilhão da Administração e Distrito Federal (hoje sede do Museu da Imagem e do Som), os pavilhões de Estatística (atual Centro Cultural do Ministério da Saúde), o Palácio das Grandes Indústrias (parte do hoje Museu Histórico Nacional) e o Palácio da França, uma réplica do Petit Trianon de Versailles, doado em 1923 à Academia Brasileira de Letras. Cartões-postais do Rio e do país, os hotéis Glória (1922) e Copacabana Palace (1923) foram inicialmente planejados para acomodar os visitantes da Exposição.

4. 1928-1940: Feira Internacional de Amostras

Realizada anualmente entre 1928 e 1940, a Feira Internacional de Amostras foi o mais importante fórum de negócios do Brasil do gênero. Dentro do espírito das grandes feiras e exposições das principais capitais mundiais, o Rio foi a cidade escolhida para receber empresários, sindicatos e representantes internacionais dos mais variados países. Aberta ao grande público, o evento combinava exposição de produtos, espaço para negócios e espetáculos artísticos e culturais. A propósito, dos salões da feira, adveio o primeiro contato dos brasileiros com a televisão. Em 1939, o Ministério dos Correios da Alemanha fazia a primeira exibição de televisão no Brasil ao lado de um sorridente Getúlio Vargas (PIANA DE CASTRO, 2011, p. 34). Interrompido com advento da Segunda Guerra Mundial, o evento marcou época. A título de ilustração, estima-se que mais de 700 empresas e um milhão de pessoas tenham visitado a oitava edição.

5. 1942: III Reunião de Consulta de Chanceleres das Repúblicas Americanas

Entre os dias 15 e 28 de janeiro de 1942, chanceleres de todo o continente se reuniram na Conferência do Rio para deliberarem sobre a atuação regional durante a Segunda Guerra Mundial. Convocada pelos Estados Unidos logo após o ataque japonês a Pearl Harbor, a Terceira Reunião de Consultas de Chanceleres das Repúblicas Americanas produziu mais de 40 resoluções, entre elas a aprovação unânime pela recomendação do imediato rompimento de relações diplomáticas e comerciais com todos os países do Eixo. Importante ponto de inflexão na história diplomática brasileira, ao final da Conferência o Brasil rompia relações com Alemanha, Itália e Japão. Seis meses mais tarde, após sucessivos ataques de submarinos alemães e italianos a navios brasileiros, o país declarava guerra às potências do Eixo.

6. 1947: Conferência Interamericana para Manutenção da Paz e Segurança no Continente

Com o fim da Segunda Guerra Mundial e o início da Guerra Fria, os Estados americanos reuniram-se entre os meses de agosto e setembro de 1947 para debaterem a criação de um sistema continental de segurança. Assinado no dia 02 de setembro daquele ano, o Pacto ou Tratado do Rio estabeleceu as normas de defesa coletiva ainda hoje em funcionamento. Oficialmente intitulado Tratado Interamericano de Assistência Recíproca, o TIAR prevê medidas de legítima defesa e ações conjuntas a serem tomadas por todos os países signatários no caso de um ataque de potência estrangeira a qualquer Estado parte.

7. 1950: Copa do Mundo

Principal sede da Copa de 1950, a primeira após os horrores da Segunda Guerra Mundial, a cidade do Rio de Janeiro recebeu 8 jogos, dentre eles 4 da seleção brasileira e a grande final, cujo palco fora o Estádio Municipal

do Rio de Janeiro, o Maracanã. Construído em tempo recorde para o sediar o evento, o “maior do mundo” tinha capacidade para 200 mil pessoas, o equivalente a 10% da população carioca em 1950. Dono dos maiores públicos da história do esporte, o estádio transformou-se na casa da seleção brasileira.

Foi em seus gramados que Edson Arantes do Nascimento, o Rei Pelé, marcou o seu milésimo gol. Construído para receber a Copa do Mundo de 1950, voltaria a sediar a competição no ano de 2014. Na certidão, seu nome é Estádio Mário Filho, homenagem ao grande jornalista e cronista esportivo que incentivou sua construção. A alcunha Maracanã deve-se ao rio que corta o bairro onde está localizado, assim batizado por conta da ave popularmente conhecida como arara-pequena ou papagaio-de-cara-branca.

8. 1955: 36º Congresso Eucarístico Internacional

O Rio de Janeiro foi a capital mundial do catolicismo em 1955. Estima-se que mais de um milhão de fiéis de todos os cantos do planeta estiveram presentes no 36º Congresso Eucarístico Internacional, realizado no mês de julho daquele ano, no Aterro do Flamengo. Disputado por países em todo o mundo, o encontro motivou a realização de obras que ficariam como legados para a cidade, tais como a ampliação da adutora do rio Guandu e o aterramento de parte do bairro do Flamengo. A abertura do evento, no dia 17 de julho, foi marcada pela inauguração da nova sede da PUC-Rio, cuja presença contou com o presidente Café Filho e com o legado do papa, o cardeal Aloisi Masella. O Congresso encerrou-se no dia 24 de julho, com uma radiomensagem do papa Pio XII.

9. 1967: 22ª Reunião Conjunta do Banco Mundial, Fundo Monetário Internacional e seus afiliados

Realizada no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro entre os dias 25 e

29 de setembro, a 22ª Reunião Conjunta do Banco Mundial e do Fundo Monetário Internacional trouxe à Cidade Maravilhosa mais de 3 mil integrantes oriundos dos 108 países membros. Em terras cariocas, o mais importante evento da economia mundial inovou ao criar os Direitos Especiais de Saque (do inglês, Special Drawing Rights), uma espécie de moeda internacional de reserva ainda hoje em operação. Curiosamente, a própria ideia em se criar o FMI tem as suas origens no Rio de Janeiro. A declaração final da III Reunião de Consulta de Chanceleres das Repúblicas Americanas, ocorrida 25 anos antes na cidade, recomendava a criação de um Fundo Internacional de Estabilização, medida concretizada em 1944.

10. 1992: II Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento (Cúpula da Terra, Eco-92 ou Rio-92)

Maior evento internacional da história realizado até então, a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento trouxe ao Rio de Janeiro 108 chefes de Estado e representantes de 178 nações. Reunidos no Riocentro entre os dias 3 e 14 de junho, os países aprovaram acordos internacionais que até hoje norteiam a política ambiental internacional, as chamadas convenções-quadro da ONU: para o clima, para a conservação da biodiversidade, e de combate à desertificação. O evento consagrou a ideia de desenvolvimento sustentável e colocou o tema das mudanças climáticas definitivamente na pauta global.

11. 1999: Cimeira América Latina e Caribe-União Europeia (Cúpula do Rio de 1999)

Entre os dias 28 e 29 de junho, o Rio sediou a primeira reunião de cúpula da América Latina, Caribe e União Europeia. Realizada no Museu de Arte Moderna, 15 chefes de Estado e representantes de 48 países instituíram uma Parceria Estratégica Birregional, em vigor até os dias atuais. Estiveram presentes os primeiros-ministros ou presidentes de Brasil, Cuba, México, Portugal, Alemanha, França, Espanha, Itália. Entre os 69 pontos presentes

na declaração final, destacam-se temas tais como comércio e integração regional, democracia e direitos humanos, combate à pobreza e promoção social, mudanças climáticas e desenvolvimento sustentável.

12. 2007: Jogos Pan-Americanos e Jogos Parapan-Americanos

42 países, 5633 atletas e mais de 20 mil voluntários fizeram do Rio o centro mundial do esporte. Entre os dias 13 e 29 de julho de 2007, a cidade sediou o XV Jogos Pan-Americanos, o maior da história até então. Duas semanas mais tarde, a cidade sediaria os Jogos Parapan-Americanos, no qual participariam cerca de 1300 atletas de 26 países do continente. Um terceiro evento marcaria para sempre o ano dourado da Cidade Maravilhosa: após dois anos de eleições, o Cristo Redentor tornava-se uma das Sete Maravilhas do Mundo.

13. 2012: Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável (Rio +20)

20 anos após a Rio-92, representantes de 188 países reuniram-se entre os dias 13 e 22 de junho no Rio de Janeiro para renovar o compromisso político com o desenvolvimento sustentável e a erradicação da pobreza. No total, 487 ministros e 105 chefes de Estado e governo estiveram presentes na Conferência, cuja declaração final fora adotada por consenso. A Rio +20 obteve êxito em propiciar a integração entre sociedade civil e o processo multilateral. Estima-se que mais de 60 mil pessoas tenham participado em discussões virtuais e presenciais no evento.

14. 2013: Jornada Mundial da Juventude

Entre os dias 23 e 28 de julho, o Rio tornou-se a capital mundial da fé. Presidida pelo primeiro Papa latino-americano, a XXVIII Jornada Mundial da Juventude foi o primeiro encontro de Francisco com a juventude católica e também o primeiro evento internacional do novo pontificado. A Jornada,

cujo fluxo turístico fora o maior da história do Brasil até então, trouxe à cidade milhões de fiéis de todas as partes o mundo. Nas areias de Copacabana, um novo recorde: estima-se que 3,7 milhões de peregrinos assistiram presencialmente à missa de encerramento.

15. 2014: Copa do Mundo

Principal sede da vigésima edição da Copa do Mundo, o Rio de Janeiro recebeu 7 jogos do mais importante espetáculo futebolístico do planeta. Realizado entre os dias 12 de junho e 13 de julho de 2014, o evento voltava ao Brasil após seis décadas de espera. O Maracanã, mais uma vez, seria o palco da grande final. Em toda a história, apenas dois estádios sediaram duas finais de Copa do Mundo: o Estádio Azteca, na Cidade do México, e o Maraca, não por acaso conhecido como o Templo do Futebol.

16. 2016: Primeiro Fórum de Financiamento de Cidades Sustentáveis do C40 (Grupo de Liderança Climática de Cidades)

O Museu do Amanhã foi a casa do Primeiro Fórum de Financiamento de Cidades Sustentáveis do C40, importante rede global composta por cerca de 100 prefeitos das principais cidades do mundo. Entre os dias 05 e 07 de abril de 2016, líderes globais em finanças urbanas se reuniram no Rio para promover o financiamento da ação climática nas municipalidades. O evento, iniciativa pioneira a conectar cidades e o setor financeiro, reuniu mais de 130 representantes do governo, organizações não governamentais e instituições financeiras. Até hoje, a cidade do Rio foi a primeira e única do sul global a presidir a rede, entre 2013 e 2016 (PINHA, 2023, p. 70).

17. 2016: Jogos Olímpicos e Paralímpicos de Verão

Entre os dias 05 e 21 de agosto, o Rio transformou-se na primeira cidade olímpica da América do Sul. 34 locais de competição, concentrados em quatro áreas - Barra, Copacabana, Deodoro e Maracanã -, receberam 11

mil atletas, 45 comitivas de chefes de Estado e mais de 30 mil jornalistas de todos os cantos. O Boulevard Olímpico, na renovada região portuária do Rio, tornou-se o grande centro de encontros e festejos para as mais de 500 mil pessoas que vieram à cidade no período. Estima-se que as competições tenham atingido cerca de 5 bilhões de telespectadores em todo o mundo. Entre 07 e 18 de setembro, foi a vez do sonho paralímpico: cerca de 4500 atletas de 176 países brilharam em 22 modalidades esportivas.

18. 2019: III Reunião de Ministros das Relações Exteriores do BRICS

O Rio recebeu os chanceleres de Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul para a III Reunião de Ministros das Relações Exteriores do BRICS, realizada no dia 26 de julho de 2019. O encontro teve lugar no histórico Palácio do Itamaraty, sede do Ministério das Relações Exteriores do Brasil de 1899 até sua mudança para Brasília, em 1970. Na ocasião, os ministros debateram importantes temas da agenda internacional, tais como a reforma da governança global e a cooperação multilateral entre os países.

19. 2023: Web Summit

Várias iniciativas consolidam a cidade do Rio como referência internacional em inovação e tecnologia, tais como a criação do Porto Maravilha - hub tecnológico localizado na região portuária que reúne startups, investidores, grandes empresas e universidade - e a realização do Web Summit, umas das maiores e mais importantes feiras tecnológicas do mundo. Realizada no Riocentro entre os dias 01 e 04 de maio de 2023, o evento recebeu mais de 21 mil pessoas e empresas dos mais variados ramos da indústria tecnológica. Na pauta, temas de vanguarda, como inteligência artificial, fintechs e criptoativos.

20. 2024: G20

Escolhida como sede para a cúpula do G20, a cidade receberá o grupo

composto pelas 19 maiores economias do mundo e pela União Europeia. Responsável por 85% do PIB e mais de 75% do comércio global, os principais chefes de Estado do planeta debaterão em terras cariocas o futuro da governança global e do desenvolvimento sustentável. Estima-se que mais de 100 outros eventos sejam organizados ao longo do ano por grupos de engajamento, startups, think tanks e universidades.

2024: A volta da capitalidade

Se Brasília é, formalmente, desde 1960 a capital federal, o Rio segue sendo visto mundo afora como a sua única capital nacional. Em termos práticos, a cidade é uma espécie de segundo distrito federal sem que lhe outorgue o merecido reconhecimento. Ruy Castro nos lembra que “O Rio continua a ser o reduto da máquina do Estado, do funcionalismo, das estatais, dos efetivos militares e dos grandes próprios federais —dos palácios e prédios históricos aos monumentos naturais e instituições científicas”. E arremata o raciocínio: “Só reduto, porque tudo isso ficou subordinado a Brasília. Ainda é Distrito Federal —sem ser”. Como bem notou Christian Lynch (2017, p. 32),

A União continua sendo a maior proprietária da cidade, com mais de 1.200 imóveis, entre os quais equipamentos icônicos de grande densidade simbólica e cultural, como a Floresta da Tijuca, a Ferrovia do Corcovado e os antigos palácios ministeriais do Itamaraty, do Exército, do Trabalho, da Educação e Cultura, da Fazenda e da Marinha. No atual município do Rio e arredores, ainda se assentam dezenas de autarquias, fundações e empresas públicas federais de pelo menos 14 ministérios, além de quatro universidades federais. Os dados são impressionantes, porque demonstram que, no ranking das capitais estaduais que mais sediam órgãos federais, o Rio de Janeiro está disparado na frente, possuindo oito vezes mais do que Recife, a segunda colocada.

A realização do G20 em 2024 e o anúncio de que o Rio fora escolhido pela UNESCO para sediar a capital mundial do livro em 2025 reforça, uma vez mais, a sua histórica capacidade em servir o Brasil como a sua capital simbólica. Nascida e criada de braços abertos para o mundo, a constatação de Mário de Andrade (1942), oito décadas depois, segue ainda hoje atual: “Está claro: capital do país, porto de mar, o Rio tem um internacionalismo ingênito”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALENCASTRO, Luiz Felipe de. O trato dos viventes: formação do Brasil no Atlântico Sul. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- ANDRADE, Mário. Semana de 22, por Mário de Andrade. Publicado no jornal o Estado de São Paulo em 1942. Disponível em <https://www.estadao.com.br/cultura/semana-de-22-por-mario-de-andrade/>. Acesso em 6 out. 2024.
- ARQUIVO GERAL DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO. Rio: da Guanabara dos índios aos cariocas de todas as origens – 450 anos de História. Século 18: O Rio de Janeiro e o olhar da metrópole. Ebook. Disponível em <http://www.rio.rj.gov.br/ebooks/linhadotempo/seculo18/html5forpc.html?pag e=0>. Acesso em 6 out. 2024.
- BICALHO, Maria Fernanda. As Câmaras Municipais no Império Português: O Exemplo do Rio de Janeiro. Bras. Hist. 18 (36), 1998.
- BRANDÃO, Ambrósio Fernandes. Diálogos das grandezas do Brasil. Recife: Imprensa Universitária, 1966.
- CALÓGERAS, Pandiá. Formação Histórica do Brasil. Brasília: Senado Federal, 2009.
- CASTRO, Ruy. Metrópole à beira-mar: o Rio moderno dos anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- CASTRO, Ruy. O Rio como 2º Distrito Federal. Folha de São Paulo, 21 de julho de 2021. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/ruycaastro/2021/07/o-rio-como-2o-distrito-federal.shtml>. Acesso em 6 out. 2024.
- DEBRET, Jean Baptiste. Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil. Tradução e notas de Sérgio Milliet. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 2008.
- DELGADO DE CARVALHO, Carlos. História da Cidade do Rio de Janeiro. 2ª edição. Secretaria Municipal de Cultura/Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, 1990.
- ELTIS, David; RICHARDSON, David. Volume e direção do comércio transatlântico de escravos de toda a África para todas as regiões americanas. Plataforma Slave Voyages. Disponível em <https://www.slavevoyages.org/blog/volume-and-direction-trans-atlantic-slave-trade>. Acesso em 6 out. 2024.
- FERREZ, Gilberto. In A Muito Leal e Heroica Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. MAYA, Raymundo de Castro; MACHADO, Candido Guinle de Paula; PORTELLA, Fernando Machado (eds.). Rio de Janeiro: Banco Boa Vista S.A., 1965.
- GRAHAM, Maria Graham. Diário de uma viagem ao Brasil. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1956.
- HERMANN, Jacqueline. O rei da América: notas sobre a aclamação tardia de d. João VI no Brasil. Topoi, v. 8, n. 15, jul.-dez., p. 124-158, 2007.

KESSEL, Carlos. A vitrine e o espelho – o Rio de Carlos Sampaio. Rio de Janeiro: Secretaria das Culturas, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, 2001.

LIMA, Manuel de Oliveira. Dom João VI no Brasil. 3. ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 1996.

PIANA DE CASTRO, Nilo André. Televisão e presidência da República: a soberania em disputa de 1950 a 1964. Tese de doutorado em Ciência Política da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2011.

PINHA, Rafael Lisboa Salgado. Paradiplomacia ambiental: o papel das cidades na governança global do clima em 30 anos de Rio-92. Dissertação de mestrado em História, Política e Bens Culturais na Fundação Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, 2023.

SERRA, MV. Breve história da evolução urbana da cidade do Rio de Janeiro. In SALOMON, Maria Helena R. et al. Guia da Arquitetura do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2016.

SOARES, Luiz Carlos. Os Escravos de Ganho no Rio de Janeiro. Revista Brasileira de História, v.8, nº 16, 1988.

a se chamar Paço Imperial.

NOTAS

ⁱ Sobre a definição de peruleiros, Alencastro (2000, p. 110) esclarece: “substantivo de origem espanhola usado no começo do século XVII para designar os comerciantes da América portuguesa que faziam negócios com os espanhóis do Baixo Peru e, mais concretamente, importavam prata da região platina”.

ⁱⁱ Primeiro palácio da cidade, fora destinado a ser residência dos governadores da capitania. A partir de 1763, transformou-se em Paço dos Vice-Reis; em 1808, Paço Real. Com a criação do Império do Brasil, passaria

ⁱⁱⁱ Segundo Pandiá Calógeras, contava o Brasil em 1819 com “3.596.132 almas”, “fora uns 800.000 indígenas”. Ao analisar o esboço demográfico das províncias, ele prossegue: “Na primeira linha, Minas com 463.342 pessoas livres, e 168.543 escravos, 631.885 habitantes ao todo; a proporção de escravos era de 26,9%. Vinha em seguida o Rio de Janeiro com 510.000 moradores, inclusive 23,4% de cativos. O terceiro lugar e o quarto pertenciam respectivamente à Bahia, com 477.912 cabeças compreendendo 30,8% negros, e a Pernambuco com 371.465 habitantes dos quais 26,3% eram de condição servil (CALÓGERAS, 2009, p. 58).